



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

Universidade, EaD e Software Livre

A VERDADE NEGADA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA SOBRE A INVISIBILIDADE DAS MULHERES AUTISTAS NAS REDES SOCIAIS

Júlia Rodarte Mendonça¹

¹UFMG/Escola de Enfermagem, juurodarte@ufmg.br

Resumo: Este artigo propõe uma análise semiótica de um texto publicado pela Mídia NINJA sobre o diagnóstico tardio em mulheres autistas, buscando compreender como a verdade sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres é socialmente construída e frequentemente negada. Utilizando os conceitos de dialogia, quadro de valores e função de veridicção, a análise investiga a tensão entre o que se é e o que se parece ser, mostrando como a narrativa social muitas vezes invalida a existência dessas mulheres.

Palavras-chave: Autismo, Gênero, Semiótica, Veridicção, Inclusão.



1. Introdução:

As discussões sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm ganhado espaço significativo nas redes sociais e na sociedade como um todo. No entanto, mesmo com esse avanço, há uma evidente desigualdade na forma como homens e mulheres são diagnosticados e compreendidos dentro do espectro. O presente trabalho propõe uma análise semiótica de um relato publicado pela Mídia NINJA, que traz a história de duas mulheres que receberam o diagnóstico de TEA apenas na vida adulta. Ao observar a construção discursiva desse texto, buscamos compreender como a "verdade" sobre o autismo em mulheres é formulada, aceita ou negada socialmente.

2. Fundamentação Teórica

A semiótica proposta por Greimas e aprofundada por Barros nos permite compreender o funcionamento das verdades construídas socialmente. Elementos como a função veridictória (ser e parecer), a dialogia (relação entre diferentes vozes no texto) e os quadros de valores (os sistemas de crenças que sustentam o discurso) são fundamentais para esta análise. Como vimos na aula 2 da disciplina, a identificação do observador e do ator em um texto ajuda a mapear as tensões entre o que se considera verdadeiro e o que é socialmente negado. No caso do TEA, essas tensões ganham contornos ainda mais complexos quando atravessadas pelo gênero.

3. Metodologia

A metodologia adotada é a análise semiótica de um texto jornalístico/discursivo



publicado pela Mídia NINJA, intitulado “Autismo: diagnóstico tardio e estigmatização prejudicam a vida de mulheres no espectro”. O texto, de caráter opinativo e testemunhal, traz elementos suficientes para a identificação de vozes, valores e verdades construídas socialmente. Foram utilizados conceitos da análise semiótica de Barros (2005) e Fiorin (1994), aplicados em articulação com a proposta didática da disciplina.

4. Análise e Interpretação dos Dados

No texto analisado, duas mulheres relatam o percurso até obterem o diagnóstico de TEA. O ponto comum entre ambas é a constante invalidação de seus sintomas ao longo da vida, com diagnósticos equivocados como depressão, transtornos de ansiedade ou mesmo “drama”. O texto coloca essas vozes em destaque, funcionando como um contraponto à narrativa dominante que associa o TEA ao masculino.

A função veridictória é fortemente evidenciada: o que é percebido como verdadeiro depende, entre outras coisas, do gênero de quem fala e de quem observa. Se a mulher apresenta características compatíveis com o TEA, isso não é considerado suficiente para que seu diagnóstico seja aceito. A veracidade é questionada não pelo conteúdo, mas pela identidade da pessoa que o expressa.

O texto também aborda o conceito de “masking” (ou mascaramento), comportamento em que mulheres no espectro imitam atitudes neurotípicas para serem aceitas socialmente. Esse processo não apenas mascara os sintomas como também reforça o ciclo de invisibilidade: a mulher autista que se adapta não “parece”



autista, e por isso seu diagnóstico é descartado. A tensão entre ser e parecer é aqui central para o apagamento simbólico dessas experiências.

Além disso, a dialogia entre as vozes das mulheres autistas (observadoras) e a sociedade (ator coletivo) evidencia um embate de quadros de valores: de um lado, um sistema que reconhece e valida o TEA apenas quando ele aparece com traços “esperados” (masculinos); de outro, a vivência de mulheres cujas experiências são constantemente desacreditadas. Essa oposição desvela uma estrutura simbólica excludente, que limita o acesso das mulheres ao reconhecimento diagnóstico, aos direitos e à escuta.

A escolha de apresentar esses relatos em um portal como a Mídia NINJA reforça o papel das redes sociais como espaços alternativos de resistência, onde vozes historicamente silenciadas ganham espaço para disputar narrativas. Assim como na aula 2, a simples presença da observadora (autora-relatora) já é, por si, um enunciado de veracidade: sua existência contraria o apagamento que o discurso dominante tenta manter.

5. Conclusão

A análise do texto da Mídia NINJA evidencia que a verdade sobre o TEA em mulheres não é apenas negada por falta de informação, mas por uma construção simbólica sustentada por quadros de valores excludentes. Ao aplicar os conceitos da semiótica, percebemos que essa negação se dá tanto pelo silenciamento direto quanto pela substituição do diagnóstico por outros rótulos que descaracterizam o autismo feminino.

Além do impacto individual, essa negação tem efeitos coletivos: as mulheres



continuam subdiagnosticadas, sem acesso a recursos e acolhimento adequados. O masking, por sua vez, revela a crueldade de um sistema que exige adaptação de quem mais precisa de compreensão. Nesse contexto, as redes sociais tornam-se espaços fundamentais para romper com o monopólio das “verdades oficiais” e propor novas formas de escuta.

A análise também indica a importância de continuar investigando como essas construções se manifestam em diferentes grupos, incluindo pessoas não binárias e homens com traços não típicos, ampliando o olhar para uma compreensão mais justa e humana do espectro autista.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Análise Semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CASQUILHO, José. Veridicção, verossimilhança e informação. *Revista Veritas*, v. 1, p. 81, 2013.

FIORIN, José Luiz; BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix.

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Da semiótica ao TEA: Aula 2*. 2025.

MÍDIA NINJA. Autismo: diagnóstico tardio e estigmatização prejudicam a vida de



Universidade Federal de Minas Gerais
UEADSL 2025.1 - Liberdade e Cidadania

mulheres no espectro. Disponível em:
<https://midianinja.org/autismo-diagnostico-tardio-e-estigmatizacao-prejudicam-a-vida-de-mulheres-no-espectro>.

Realização:



Apoio:



Produção:

